

Editorial

Neste décimo quinto volume publicamos seis artigos que, tomados em conjunto, reforçam a ideia de que a articulação entre história da ciência e ensino favorece a reflexão sobre o ensino de ciências em geral, bem como promove uma educação científica crítica.

Na seção *História da Ciência e Ensino*, publicamos dois artigos que discorrem sobre posturas e atitudes frente ao fazer científico e ao ensino de ciência. Maurilio Antonio Ribeiro Alves & Pedro Wagner Gonçalves, com o trabalho intitulado “O Ensino de Ciência do Sistema Terra e os caminhos da Biologia: uma história”, buscam inspirar professores para considerarem a pesquisa como parte integrante de sua formação. Nesse contexto, a história da ciência pode fornecer subsídios para a formação de professores, favorecendo não só a reflexão crítica sobre o ensino, mas também colaborando para o desenvolvimento de atitudes e posturas críticas frente à natureza, à ciência e ao ensino de ciência. Na mesma direção aponta o trabalho de Letícia Lenzi, intitulado “O problema da racionalidade da ciência no século XX e as implicações para um ensino crítico e reflexivo da ciência”, em que a autora discorre sobre o significado de racionalidade científica e suas implicações no ensino de ciência, propondo um caminho que possa promover uma educação científica crítica e reflexiva com vistas a valorizar as discussões sobre a relação entre ciência, tecnologia e sociedade.

Na seção *Tópicos de História da Ciência*, publicamos três artigos. No primeiro, Verônica Klepka & Maria Julia Corazza, em “*Animalculo, Infusório, Protozoa, Primigenum, Protoctista, Primalia* ou *Protista?* Contribuições históricas para o problema conceitual dos protozoários”, abordam sobre as palavras que mudam de significados ao longo do tempo. As autoras evidenciam que os conceitos cunhados para nomear pequenos organismos visualizados por meio do microscópio refletiam não apenas a visão de mundo para cada pesquisador, mas também um arcabouço conceitual acerca de suas características.

No segundo artigo desta seção, intitulado “História da eugenia e ensino de genética”, Izabel Mello Teixeira & Edson Pereira Silva tecem interessantes considerações sobre a história da eugenia como possível recurso para um ensino crítico de genética, uma vez que promoveria uma abordagem mais contextualizada em que entrelaçam questões de ordem axiológica e sociológica do trabalho científico.

Na sequência, fechando esta seção, Ana Carolina Costa Pereira & Bernadete Barbosa Morey, discorrem sobre a lei dos cossenos em relação aos lados de um triângulo esférico que foi abordada numa obra escrita no quinhentos em “Revisitando a lei dos cossenos para triângulos esféricos: um aporte histórico do século XV”. Por meio deste trabalho, as autoras reforçam a ideia de que as fontes

históricas ajudam a iluminar os conteúdos matemáticos e suas aplicações no mundo moderno na medida em que nos esclarece, de forma crítica, sobre as origens de alguns conteúdos de trigonometria.

Na seção *História da Ciência e Ensino: Propostas e Aplicações para sala de aula*, André Silva dos Reis & Maria Dulcimar de Brito Silva, em “Frankenstein de Mary Shelley, o Filme: Um recurso para introdução da História da Ciência no Ensino de Ciências na visão de graduandos”, apresentam um estudo que procurou analisar as concepções sobre o fazer científico e a ciência de estudantes por meio de um filme. O artigo pontua vários temas, que podem ser levantados pelos professores, no que diz respeito ao papel da ciência na sociedade, promovendo, dessa maneira, um olhar crítico e reflexivo sobre o saber científico moderno.

Queremos desejar a todos uma boa leitura e
convidá-los a submeter trabalhos nos próximos volumes.

Maria Helena Roxo Beltran

Fumikazu Saito

(editores)